

# Por entre diários de pesquisa: uma tentativa de desnaturalizar os conceitos de indisciplina e deficiência, um modo de pensarmos as práticas de cuidado de si e do outro no cotidiano escolar

*Anelice Astrid Ribetto*<sup>1</sup>  
*Débora de Souza Santos Madeira*<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo:** Na tessitura deste artigo buscamos fazer um recorte das inquietações que compõem uma dissertação, que foi desenvolvida coletivamente, junto a um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Pública. Trata-se de um exercício do pensamento que propõe o diário de pesquisa como uma força expressiva que pode suscitar a conversa colocando em debate as nomeações que são dadas a alguns estudantes, categorizando-os como deficientes e indisciplinados. Problematicando ainda, o cuidado de si e do outro que estamos produzindo na educação.

**Palavras-chave:** diário de pesquisa; indisciplina; deficiência; cuidado de si e do outro.

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Coordenadora do grupo de Pesquisa Coletivo Diferenças e Alteridades na Educação.

<sup>2</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Assistente de Alunos do Instituto Benjamin Constant (IBC).

## **Among research diary: an attempt to denaturalize the concepts of indiscipline and disability, a way of thinking about the practices of self-care and the other in school routine**

**Abstract:** In the tessitura of this article we seek to make a clipping of the concerns that make up a dissertation, which was developed collectively, together with a research group in the Graduate Program in Education of a Public University. It is an exercise of thought that proposes the research diary as an expressive force that can arouse the conversation by debating the appointments that are given to some students, categorizing them as deficient and undisciplined. Problematizing, the care of oneself and the other that we are producing in education.

**Keywords:** research diary; indiscipline; disability; care of oneself and the other.

## **Entre los diarios de investigación: un intento de desnaturalizar los conceptos de indisciplina y discapacidad, una forma de pensar sobre las prácticas de autocuidado y los demás en el cotidiano escolar**

**Resumen:** En la tesitura de este artículo buscamos hacer un recorte de las inquietudes que conforman una disertación, la cual fue desarrollada colectivamente, junto con un grupo de investigación en el Programa de Posgrado en Educación de una Universidad Pública. Es un ejercicio de pensamiento que propone el diario de investigación como una fuerza expresiva que puede despertar la conversación debatiendo las citas que se dan a algunos estudiantes, catalogándolos como deficientes e indisciplinados. Problematizar, el cuidado de uno mismo y del otro que estamos produciendo en la educación.

**Palabras clave:** diario de investigación; indisciplina; discapacidad; cuidado de uno mismo y del otro.

## Entradas

Neste ensaio há um extrato de uma pesquisa-dissertativa que foi produzida buscando problematizar os efeitos dos encontros com os estudantes de uma instituição pública que presta diversos atendimentos e possui uma escola especializada na área da cegueira e da baixa visão. Trata-se de uma narrativa que tenta dar a ver as sensações de uma educadora que experimenta esse espaço institucional na condição de assistente de alunos, e que se propõe a pensar o diário de pesquisa como uma força expressiva que pode disparar os acontecimentos, o inesperado dos encontros que acontecem entre ela e os estudantes.

Com isso, o que a pesquisa enuncia é a possibilidade do diário de pesquisa se expressar como um exercício da escrita que pode colaborar com a desnaturalização das concepções que se inscrevem nos lugares, nas pessoas e nas vivências impondo consensos e convenções cristalizadas. O que se propõe é que a escrita pode potencializar uma problematização das concepções jurídicas, administrativas, medicalizantes e moralistas, que prevalecem tanto quanto leis e que se fazem valer como tais. Oferece assim, uma abertura para o questionamento do sistema binário que pode nos transportar para as percepções estreitas, despóticas e autoritaristas que resumem tudo a uma só verdade, firmando os debates e conversas, que se constituem como uma aposta ética, estética e política de pensar um desvio das concepções que percebem a vida dentro de um eixo de oposição.

Dessa forma, o que propomos nesse artigo, é que a escrita diarística puxe uma conversa nos agenciando talvez, com a possibilidade de pensarmos nos mistérios da vida, escapando da tentativa de elucidá-los, resistindo também à explicação única, que quer dar conta da vida fundando-se em normatizações. O que desejamos é um aprofundamento do questionamento daquilo que é nomeado como deficiência e indisciplina para que produzamos nesses conceitos, novos sentidos. Pensando que assim talvez, possamos produzir um cuidado de si e do outro que se compromete com a desnaturalização das palavras, dos gestos para empreender uma intervenção, um plano comum, que não sugere consensos, mas reafirma a diferença.

## Aberturas

*Após a leitura dos livros: “Os anormais” e “Vigiar e punir” escritos por Michel Foucault, tomo conhecimento da notícia que Milton Ribeiro, o atual ministro da educação, durante uma entrevista declarou que os estudantes “ditos” deficientes atrapalham os demais estudantes na relação educacional. Diante de tais fatos me veio à lembrança de uma aula-passeio ao Jardim Botânico, em que acompanhei duas turmas de 6º ano. Lembro-me de que quando íamos entrar no ônibus as professoras me disseram que alguns dos estudantes precisavam de uma maior atenção, para mantermos a ordem na visita. Assim, que chegamos lá recordei que fomos apresentadas a um guia que nos informou que iria nos apresentar a história, as flores, as plantas daquele lugar. Rememoro ainda que M., era um dos estudantes que a professora tinha pedido para que eu vigiasse-acompanhasse mais de perto. Lembro-me que mal*

*começamos a caminhar e M. já estava saltitante, feliz e tateando tudo que pudesse alcançar. Deste modo, assim que o guia começou a apresentar as flores, as plantas M ficou ainda mais afoito, era ligeiro e corria para tatear, o que estava sendo mostrado para nós. Como um modo de tentar resolver aquela situação, a professora então disse que todas as crianças poderiam tatear as coisas, mas só mediante a nossa autorização. Mas, para M. este pacto de nada adiantou... ele se soltava, fugia e tocava naquilo que estava sendo apresentado com bastante afobação. Ao final do passeio, na hora do lanche, a professora da turma de M. veio em minha direção, ela segurava um caderno, que segundo a mesma era para registrar informações da turma. Neste momento, ela então me informou que tinha feito um relato do comportamento do menino, expondo que ele havia atrapalhado aquela aula-visitação. Ela me disse, que naquele mesmo dia apresentaria àquele registro à família dele solicitando que eles fizessem alguma repreensão. Afinal, pela percepção dela e minha também, naquela época, ele havia ficado “sem modos”. A professora pediu então, que eu assinasse aquele relato a fim de ratificar o que ela estava informando e eu assinei! Hoje, no entanto, sensibilizada pelas leituras, pelo Coletivo e por todas estas experiências que me deslocam. Fico pensando que quando alguém nos apresenta alguma coisa, de imediato lançamos o nosso olhar sem precisarmos de autorizações. E assim, me indago por que aquele estudante cego precisava ser autorizado para ver com as mãos? Problematizando ainda os modos como lidamos com aquilo que difere, aquilo que fere a harmonia, a homogeneização [...] Assim, mesmo atenta aos modos de agir do ministro e da professora, questiono sobretudo, o modo como me engajei naquela situação. Nessa direção, movida por tal questionamento pareço também ser revisitada pela lembrança de uma problematização que fez marca em mim, durante a leitura de um livro da disciplina de filosofia nos tempos do ensino médio, que dizia mais ou menos assim: “A luta contra as atrocidades do mundo se inicia quando nos perguntamos pelas atrocidades, que são sutilmente cometidas por nós. (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

Tomadas por esta experiência consideramos que é fundamental indagar: por que o outro que radicalmente se apresenta como outro, tende a ser percebido como alguém que está ali para nos atrapalhar? Imersas nesta e muitas outras vivências deslocamo-nos a pensar na importância que há em problematizar os discursos jurídicos, médicos e moralizantes que sutilmente se infiltram em nosso cotidiano. Discursos sorrateiros, que podem nos fazer ocupar a escola colocando-nos, talvez, como um agente que impõe a mesmidade e contribui para a tentativa de apagamento dos espaços e tempos de alteridade.

Skliar (2003: 155) nos chama atenção para a possibilidade de voltarmos “a olhar bem no sentido de perceber, com perplexidade, como esse outro foi produzido, governado, inventado e traduzido”. Diante de tal atravessamento nos movimentamos a pensar que, talvez, seja necessário problematizar esta lógica de homogeneização que foi empreendida nos lançando a perceber o outro como alguém que surge para atrapalhar, desordenar.

En esta múltiple y compleja operación se disimula una incongruencia que es constitutiva de cualquier espacialidad social: el otro maléfico aparece encarnando la imposibilidad de la sociedad y ésta queda impedida para alcanzar su “plena” identidad en virtud de ese otro; pero al invertir esta lógica (diabólica) podríamos decir que lo negativo no está en el sujeto-otro, al cual se le atribuye el ser dueño de un atributo maléfico esencial, sino en ser aquello que invade o intenta invadir la normalidad, aquello que desgarrar o intenta desgarrar el orden, que nos obliga a ver y a vivir en la ambivalencia, que nos obliga a ver y a vivir en el caos, que nos obliga a ver y a vivir en la incongruencia. (SKLIAR, 2002: 97)

Sensibilizadas pelas palavras de Carlos Skliar e movimentadas pela leitura de Foucault (2010), entramos numa conversa com este último autor que em sua obra “Os anormais”, mais precisamente na aula do dia 22 de janeiro de 1975, ajudamos a pensar nos códigos que foram inventados para constituir aquilo que chamamos de indisciplina e anormalidade. Sobretudo, atentando-nos às três figuras, que segundo este mesmo autor, constituem o domínio da anomalia: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora.

Na referida obra, o autor nos alerta que a figura do monstro humano se refere às leis, destacando ainda que a produção da monstruosidade está ligada ao desato às regras sociais e da natureza. Foucault (2010) explicita ainda que a figura do monstro está baseada em noções judicializadas e biologizantes da vida que propõem a punição e/ou o tratamento médico como resposta àquilo que é compreendido como suposto desvio. Conforme o autor, a figura do monstro humano pode ser percebida como o princípio de inteligibilidade de todas as formas de anomalia, que solicitam para si alguma forma de supressão.

Ainda problematizando o modo como se constituiu o monstro humano, somos conclamadas por Castro (2009) a pensar que esta figura preexiste à Modernidade, caracterizando-se por aquilo apresentar o que fugia ao padrão biológico de vida como, por exemplo, o nascimento de hermafroditas, de irmãos siameses etc. Porém, Foucault (2010) nos diz que com a emergência dos saberes da psiquiatria os traços de monstruosidade foram sendo percebidos através dos instintos e não mais pelas excentricidades anatômicas. Fazendo assim com que, esta suposta anormalidade pudesse ser empreendida como uma monstruosidade espiritual, moral, instintiva, cotidiana, pálida, banalizada: a forma de se comportar.

No que se refere aos elementos que constituem a figura do indivíduo incorrigível, Foucault (2010) pontua que a mesma se produz a partir da família e das instituições que rodeiam a referida relação, tais como: a escola, a rua, o bairro, a igreja, a polícia etc. O autor destaca ainda que a figura do incorrigível se diferencia da figura do monstro humano porque os desvios cometidos não são uma exceção, mas ao contrário acontecem recorrentemente - fato que requer uma intervenção mais intensificada das já mencionadas instituições.

Nas palavras deste mesmo autor, o indivíduo incorrigível, requer um maior número de intervenções específicas em torno de si, de sobreintervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. Nesse sentido, “o eixo da corrigibilidade do incorrigível vai servir de suporte a todas as instituições específicas para anormais que vão se desenvolver no século XIX” (FOUCAULT 2010: 73), produzindo assim a enunciação da anormalidade em que a loucura, a imbecilidade, a criminalidade podem se realizar.

Quanto à figura da criança masturbadora, Foucault (2010) nos alerta que a mesma foi motivo de uma forte investida médico-higienista entre os séculos XVIII e XIX. Segundo o autor mencionado a partir da constituição desta figura o corpo passou a ser pensado como um instrumento de desejos, agitações e prazeres que deveriam ser domados em virtude de uma retidão do espírito e que ressentia também a preocupação com a formação da família nuclear, que começa a se instituir a esta mesma época. Foucault (2010) afirma que o discurso médico instituiu sobre a masturbação considerações moralistas que não reconheciam este ato como um fenômeno natural e tampouco como expressão de uma índole perversa inata da criança, mas o remetiam à ação do adulto que, por descuido, omissão ou perversidade, acidentalmente ou intencionalmente, lançaria a criança a esta experiência. É a partir deste contexto que a organização familiar passa a ser submetida desígnios empreendidos pelas ciências médicas ganhando uma incumbência de garantir a vigilância e supressão deste suposto desvio.

Assim, ainda inclinando-nos a pensar na genealogia destas três figuras que se constituíram para produzir-inventar a anormalidade, supomos que elas nos auxiliam a ponderar tudo aquilo que tendemos a perceber como degeneração, indisciplina, desordenação. Diante desta breve contextualização, indagamos: quando dizemos que alguém “não tem jeito” ou é um “sem modos”, não estamos

ratificando os conceitos, as teorias, as práticas que produziram o “monstro cotidiano”... o “sujeito anormal”? Com isso pensamos como a constituição destas figuras rondam e se reafirmam em nosso cotidiano, perguntando-nos ainda se a função do assistente de alunos não pode ser entendida, também, como um dispositivo de controle que serve aos processos de normalização. Com isso desconfiamos que esta produção, pode nos orientar a pensar o olhar como único meio, pelo qual se efetiva a visão. Pensando ainda, a partir desta percepção dualista podemos acreditar talvez, que o outro “anormal” precisa ser ordenado, autorizado pelos “normais” para pôr o corpo em ação (como na última experiência diariada que fala de uma prévia autorização para que o estudante possa ver com as mãos). Problematicamos também que talvez, por conta da constituição desta anormalidade tenhamos tanta dificuldade em lidar com o prazer, com a explosão de um corpo que vibra e explora todas suas potencialidades exalando alegria de viver...

Skliar (2003) problematiza a constituição das figuras propostas por Foucault (2010) e nos remete a pensar nos modos como podemos desmantelar milimetricamente o outro que supomos-nomeamos como anormal. O autor conduz-nos a pensar que rastreamos o outro, a partir do seu corpo, dos seus gestos e movimentos procurando alguma forma de encontrar anomalias, que deverão ser corrigidas sem deixar que este outro possa sequer pestanejar. Nesse sentido, ainda de acordo com Skliar (2003: 178) é a constituição desta anormalidade que vai ditar o ritmo as pautas totalitárias que podem converter o outro “numa espacialidade bem determinada e específica de onde vão confluír os criminosos, os dementes e as crianças – aqueles que são vistos como indivíduos próximos ao mundo do animal”.

A provocação feita pelo autor nesse sentido nos incita a pensar na perseguição que podemos estabelecer sobre os instintos, sobre aquilo que pressupomos como uma ação irracional, indisciplinada, que pode ser pensada como uma atitude sensível, talvez... E nos lança para uma atenção a este detalhe, um gesto pequeno, mínimo, que pode permitir que os mesmos não se deixem manipular por atitudes pouco acolhedoras e autoritárias que tentam normatizar o tempo, o passo, o modo de ver, viver...

*O caderno de ocorrências me causa muito desassossego! Nele anotamos aquilo que convenciamos chamar de indisciplina (atrasos, desobediências às normas da escola e isto inclui o não atendimento às solicitações dos educadores, uso indevido do uniforme e problemas relacionais com colegas). Trata-se de um registro no qual, informamos a indisciplina praticada a algum familiar, que assina e se propõe a nos ajudar na “solução” do problema. Fico aflita quando alguma destas situações surgem! E memoriando um momento de aflição que tem a ver com a feitura deste registro. Lembro-me que um certo dia uma estudante do 6º ano, teve algum problema na sala de aula...e nós da Divisão de Assistência ao Educando fomos chamados para retirá-la de lá, depois de uma longa conversa consegui fazer com que ela me acompanhasse. E assim, enquanto nos encaminhávamos para a sala da divisão, com um pouco mais de tranquilidade, pude ouvir a menina, que me falava que toda aquela confusão se instalou porque ela demorava com o “dever” [...] recordo-me que ela exclamou: “eu tenho o meu tempo [...] eu já estava cansada de ouvir besteira e hoje resolvi responder!” Isso me deixou extremamente desconsertada não dava para fazer este registro, as palavras dela tinham me atravessado [...] Dessa vez não dava para registrar! Minha mão ficou trêmula [...] eu não conseguia informar àquela situação como uma indisciplina e me perguntava: se era ético informar uma situação que não presenciei [...] será que isto era mesmo uma atribuição do assistente de alunos. Assim, ao narrar esta experiência que parecia se antecipar às questões que hoje me proponho a problematizar sinto-me convocada a pensar no modo como às noção de anormalidade e de indisciplina se alastram no espaço escolar [...] como esta maquinaria nos envolve [...] Penso na potência que há nas caminhadas-encontros, em que somos sacudidos por outros e podemos desnaturalizar a rotina, a repetição [...] Deste modo, atualizando esta lembrança movimento-me a perguntar: se quando convocamos a família para dar ciência a registros como estes, estamos ativando mais uma “mola”*

*de funcionamento dessa engrenagem que foi produzida para tornar o outro em um “mesmo”? Indago: ter um tempo diferente para a realização das tarefas é uma indisciplina? E aqui mais uma vez quero reafirmar que faço estas problematizações a partir daquilo que experimento no espaço escolar. Pensando nas práticas que se materializam neste lugar sem, no entanto, me isentar daquilo que acontece pois, estou totalmente implicada! Por isso, escrevo, penso e me junto a outros – Coletivo, livros, músicas, experiências diariadas, poesia – esforçando-me para estranhar estes gestos corriqueiros que reforçam a produção de anormalidades no espaço escolar, na vida. (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

Imersas na experiência anteriormente narrada pensamos que, para além da problematização da anormalidade, faz-se necessário que possamos também questionar as formas de enfrentamento que foram produzidas para tentar suprimir aquilo que convencionamos chamar de anormal, de desordem e de indisciplina. Percebemos que há a possibilidade de novamente conversarmos com Foucault a partir de sua obra “Vigiar e punir: nascimento da prisão” para que assim talvez problematizemos como vão se estabelecendo as estratégias de disciplinarização, o poder disciplinar, que ambiciona “adestrar” as “multidões confusas e inúteis de corpos” para então “fabricar indivíduos obedientes” (FOUCAULT, 2014: 164).

Na referida obra, Foucault (2014) nos convida a pensar como as corporações militares, as escolas, as fábricas e as ordens religiosas podem contribuir para uma organização disciplinar que se assenta no controle, no autoritarismo e na hierarquização, afirmando, inclusive, destacando nesse sentido que a escola pode se configurar como um lugar que se assemelha a uma prisão. O autor nos diz ainda que o poder disciplinar pode se materializar através de três instrumentos que podem contribuir para um bom adestramento: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.

No que se refere ao olhar hierárquico o autor nos chama à atenção para disposição física da escola. Foucault (2014: 135) movimenta-nos a pensar que para disciplinar um lugar, faz-se necessária uma vigilância dos atos, dos comportamentos. Isso talvez nos ajude a pensar na disposição arquitetônica, na organização dos mobiliários, levando-nos também a pensar no modo como se estabelece a organização das salas de aula, com cadeiras enfileiradas para, assim, estabelecer certa uniformização. Tal como nos diz este mesmo autor: “trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo, trata-se de lhe impor uma ordem”.

Foucault (2014: 174) nos convida a pensar também sobre o “olhar panóptico”, afirmando que o panoptismo é uma característica das prisões, é um modo de fixar o olhar para assim, observar, vigiar e punir possíveis transgressões. O autor nos diz que através de algumas práticas podemos afirmar este “olhar panóptico”, podendo ainda constituir a escola como “um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados”.

Atravessadas por todas estas argumentações pensamos que talvez os cadernos de ocorrência, ou os usos que são dados a estes registros, podem se agenciar com esta última argumentação na medida em que tais escritos podem dar conta de uma descrição minuciosa dos corpos que caminham pela escola, inclusive, podendo mediar uma possível docilização. Nestas ocorrências podemos, ainda, quem sabe talvez, aliar família e escola em prol de uma possível punição. Deslocando-nos a questionar se quando fazemos um registro de um comportamento, um modo de viver, classificando-o, estamos produzindo um saber. Se estamos

produzindo um saber... ele se entrelaça com os saberes médicos, judiciais e morais, reforçando os códigos de normalização? Nestes registros, sorratamente estamos mediando a insurgência do olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame, materializando assim o que Foucault (2014) chama de poder disciplinar?

Ainda provocadas pelo olhar panóptico e pela influência deste modo de operar a vigilância e punição, nos deslocamos a pensar, o modo como podemos ocupar o espaço escolar enquanto caminhamos junto aos estudantes e começamos a problematizar alguns chamados que são recorrentes nestas caminhadas...

*Atentando-me às solicitações rotineiras me sinto atravessada por alguns pedidos, mas especificamente por algumas palavras que são constantemente ditas para mim: “preste bastante atenção nele(a)”, “acompanha de perto porque ele(a) não é mole não”, “este(a) precisa que você fique junto mesmo” [...] Penso nestes dizeres corriqueiros, que ressoam hoje em meus sentidos, de uma outra maneira... consigo questioná-los [...] não sou mais a mesma! Fico pensando como estes pedidos, que se articulam a partir de palavras tão ligadas a gestos de cuidado e acolhimento... podem se agenciar como uma prática de observação, de vigilância, de punição... E assim, me questiono como posso dar atenção e acompanhar de uma forma mais generosa e sensível percebendo que o outro se afirma por sua diferença? Fico pensando que às vezes parecemos um autômato, uma máquina que não se sensibiliza, não estranha algumas repetições [...] Desejo dar um novo sentido aos referidos pedidos: dando atenção, acompanhando de perto, ficando junto de um modo outro! (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

Pensando também nas estratégias que são operadas para estabelecer o poder disciplinar, vale a pena dizer que a sanção normalizadora se dá através de pequenas punições que podem se agenciar com a ordem

do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT, 2014: 175)

Nos sentimos motivadas a pensar numa experiência que nos ajuda a perceber como esta estratégia pode se infiltrar em nosso cotidiano e podemos fazê-la circular mesmo sem perceber...

*Eram 9 horas e uma estudante diagnosticada com cegueira chegou junto a sua mãe à escola, elas estavam muito esbaforidas! A menina que também utiliza cadeira de rodas era empurrada rapidamente por sua mãe. Afinal, elas estavam muito atrasadas! E os atrasos são anotados no caderno de ocorrência, porque se forem recorrentes, suscitam alguma punição. A mãe muito envergonhada, com os olhos marejados e mirados para o chão, explicou que vinha se atrasando quase todos os dias, porque o percurso até a escola era muito difícil. No meio da conversa a mãe disse ainda que elas moravam bem pertinho de mim numa favela, do bairro de Parada de Lucas, que fica aqui no município do Rio de Janeiro. No momento consegui de algum modo imaginar as dificuldades enfrentadas por elas. E quando digo que imaginei, quero afirmar que não sei o que passam! Acho que só posso mesmo imaginar [...] Naquele momento a vergonha da mãe pareceu se encarnar em mim. [...] Com o livro de ocorrências na mão e um carimbo que informaria o atraso na caderneta escolar da estudante [...] mais uma vez eu estava desconsertada! Mais uma vez não dava! Mais, um registro que embolava na minha garganta [...] Não registrei o atraso e carimbei “presença” na caderneta. Acolhi com carinho a estudante e a acompanhei até a sala de aula [...] Mais uma vez não deu! (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

Nos deslocando também a refletir nas inúmeras vezes que reforçamos estas empreitadas de homogeneização que podem ser pensadas talvez como um processo de desumanização.



Diante disso, indagamos: como podemos desnaturalizar estas normatizações? Como estes microgestos tão recorrentes podem corroborar as grandes injustiças? Como um registro, um pequeno gesto punitivo, pode contribuir com a desvalorização da vida, reforçando a promoção de desigualdades?

Ainda em conversa com Foucault (2014: 164), nos atentamos para outro instrumento do poder disciplinar, o exame, que nas palavras de tal autor combina as duas técnicas anteriores (olhar disciplinar e sanção normalizadora) fazendo com que as pessoas possam ser diferenciadas a partir de processos de sanção e gratificação. Deste modo, o exame empreende instalar um modo de “controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir”, permitindo que se estabeleça uma comparação que irá, de modo dicotômico, separar os estudantes “maus” dos “bons”. Nesse sentido, o exame pode se efetivar por meio das avaliações da apreensão de conteúdos e do atendimento às normas comportamentais, que vão indicar se o aproveitamento do estudante é “vergonhoso” ou “honroso”, de acordo com aquilo que está padronizado. Imersas nas referidas problematizações somos novamente provocadas a pensar no modo como podemos nos engajar nos encontros que acontecem com os estudantes. Pensamos nos regimes, nos processos que se encarnam quando caminhamos junto aos outros...

Ainda pensando nos efeitos dos encontros com os estudantes, ponderamos que se existem estratégias disciplinares minúsculas que tentam cooptar o modo de ver, estar e existir, em alguns momentos podemos também experimentar criações, invenções que buscam fissurar estas estratégias. Dizemos isto pensando nos pequenos gestos, nas astúcias dos estudantes que em algumas situações criam modos de escapar, desvencilhar, fissurar a rotina, os trajetos que estão dados e parecem impossíveis de alterar.

Certeau (2020) problematiza o modelo de sociedade disciplinar proposto por Foucault (2014) convocando-nos a pensar que as redes de vigilância e punição, que se concretizam a partir da microfísica capilar de poder, podem ser fissuradas por uma “antidisciplina” (CERTEAU, 2020: 16) que pode ser compreendida como processos de criação de pessoas comuns, que burlam, desobedecem aos procedimentos estratégicos, por vezes minúsculos, articulando-se através de microrresistências, microgestos.

Conforme Certeau, a antidisciplina se constitui como uma desobediência que não modifica ou rejeita o ordenamento, às regras. Trata-se de um movimento que tenta converter a norma para outras finalidades enunciando-se assim, como uma invenção astuciosa e quase invisível que se realiza nas miudezas do dia a dia, traindo e jogando com as imposições, para deste modo escapar das mesmas.

Deste modo, a antidisciplina se efetiva a partir das táticas que são criadas por pessoas comuns para desobedecer às estratégias de poder e dominação. Nos termos de Certeau (2020), a estratégia se produz a partir de cálculos e relações de força que servem de base para gerir as relações que são elaboradas por uma exterioridade como, por exemplo, um general que antes da guerra planeja uma batalha indicando o que fará cada soldado no confronto. Ou seja, a estratégia se estabelece a partir da previsibilidade que planeja aquilo que vai acontecer. A tática, no entanto, se compõe pelo imprevisto que tem uma dependência do tempo e das circunstâncias, ela joga com as ocasiões, é imprevisível, é a oportunidade, são as pequenas astúcias do dia a dia, glórias do cotidiano, que parecem se inspirar nos saberes milenares, utilizados pelos animais que se camuflam para fugir do seu caçador, desobedecendo a lógica estratégica através da (re)invenção.

*Lembro-me que um dia, logo assim que cheguei, fui apresentada à estudante E. que tinha uma condição de cegueira e experimentava ainda os efeitos de uma doença degenerativa que causava-lhe a perda gradativa dos movimentos do corpo. Diante desta situação foi pensado então, que a cada dia a estudante ficaria com um dos assistentes de alunos, numa espécie de atendimento exclusivo, no qual a acompanhá-amos nas atividades interdisciplinares, nos intervalos das aulas e na alimentação. Fixada na condição de E. dando um zoom na “falta”, neste caso naquilo que se convencionou chamar “deficiência múltipla” pensei que às quintas-feiras teria uma maior “tranquilidade” em nossas caminhadas. Visto que cotidianamente eu acompanho vários estudantes durante o dia e às quintas-feiras eu acompanharia apenas E. Recordo-me que neste mesmo dia, enquanto empurrava a cadeira de rodas da menina para levá-la ao refeitório encontrei com um outro assistente de alunos, que correu ao meu encontro e cochichou: “fiquei com ela ontem...não é mole não!”. Na primeira atividade do dia, o café, senti que as coisas não seriam tão tranquilas assim! E. esperneou e quase caiu da cadeira, para demonstrar insatisfação com o cardápio oferecido! Depois de alguns dias às quintas-feiras, dia que eu considerava que seriam mais “tranquilos”, foram se tornando um dia de extremo cansaço, intranquilidade e receio, já que E. não aceitava de forma passiva nenhuma imposição. Com a fala baixinha, balbuciada, ela me dizia os seus desejos: “tia não quero ir para aula, quero ir ver o treino do goalball, quero paquerar!”, “odeio leite”, “não vou beber”, “tia você é uma chata”. Recordo-me também que E. às vezes comunicava sua insatisfação com o corpo jogando-o para fora da cadeira, escorregando até quase cair! Ela se desvencilhava do cinto que a prendia na cadeira de rodas, algo inexplicável! Era extremamente perigoso, ela podia se machucar! Com o passar do tempo, eu diria mais ou menos umas três semanas a equipe de assistente de alunos, começou a pensar que talvez, fosse possível nos inclinar a ouvir o que E. nos comunicava com o seu corpo, com sua voz... Lembro-me que à época nos sentíamos muito tocados pela condição dela no que dizia respeito à perda gradativa dos movimentos, à possibilidade iminente de morte e assim combinamos de nos ajudarmos para tirá-la da cadeira e em alguns momentos e criar maneiras, brechas para levá-la para ver os tão solicitados treinos de goalball. Aos poucos fomos percebendo que estes microgestos nos aproximaram mais da menina, que continuava a nos dar pistas de suas (in) satisfações de formas menos nocivas, eu diria! Nesse contexto pudemos experimentar também manifestações de carinho que incluíam beijos, abraços. No entanto, depois de mais ou menos um ano, fomos percebendo que alguns movimentos do corpo de E. estavam realmente se encerrando. Ela já não escorregava mais da cadeira e também não comunicava suas vontades de modo verbal. Mas, a menina exalava força! Aos poucos foi se reinventando, ela utilizava os olhos, que não enxergavam para falar...ela movimentava os dedos, que ainda se mexiam, para anunciar seus incômodos, seus desejos...bastava apenas, se atentar! Em 2015 no entanto, como diria Guimarães Rosa, E. encantou-se, acho mesmo que ela não morreu, pois os efeitos dos encontros com sua existência ainda circulam por entre nós professores, assistentes de alunos, em nossas rodas de conversa, movimentando-nos a pensar nos mistérios da vida...E. conseguia se desvencilhar do cinto da cadeira de rodas e das amarras que tentavam roubar-lhe a potência de vida, o prazer e a felicidade...ela escorregava, se evadia dos obstáculos fisiológicos e de algumas outras barreiras que foram inventadas e podem ser reafirmadas cotidianamente por nós. (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

Os efeitos dos encontros com a estudante E. nos deslocam a pensar o conceito de antidisciplina cunhado por Certeau (2020), nos transportando para uma atenção às maneiras astuciosas que brotam no fazer cotidiano, no minúsculo, no vivido, no banal, dando a pensar o imprevisível, aquilo que não tem explicação. Tal como nos diz Skliar (2003: 26):

Existe o próximo – esse que não sou eu, esse que é diferente de mim, mas que posso compreender, ver e assimilar – e também o outro radical, (in) assimilável, incompreensível e inclusive impensável [...] no outro se esconde uma alteridade ingovernável, de ameaça, explosiva. Aquilo que tem sido normalizado pode acordar a qualquer momento.

Provocando-nos também a pensar que os mistérios da vida não precisam ser explicados, mas podem ser sentidos ajudando-nos assim a estranhar a repetição, as nomeações que estão tão presentes no nosso caminhar para que possamos, talvez, nos lançarmos para os espaços da diferença, que nos tira do mundo calmo das certezas, forçando-nos a inventar modos outros de conviver e caminhar.

Sklar (2011: 31) continua dizendo que nos caminhos-encontros que temos com os outros podemos estabelecer “[...] um contato de afeição, que não é um vínculo de continuidade, não é um reflexo de comunicação eficaz, mas, sobretudo, um embate do inesperado sobre o esperado, da fricção sobre a quietude, a existência do outro na presença de um”.

Ainda pensando nos efeitos do encontro com E. - que é permeado por uma profusão de falas, gestos, movimentos – supomos que experimentando tais invenções anônimas, desvios da norma, do instituído, embora sem confronto, mas não menos instituintes, podemos pensar que foi forjada uma tímida fissura no chamado técnico que há para o exercício da função do assistente de alunos. Entretanto, ao atualizar esta memória, algumas inquietações ainda despertam e nos fazem pensar na alteração que podemos criar diante daquilo que podemos chamar de trajetos (burocracia, chamado técnico, rotina) no sentido de produzir trajetórias (novas experimentações, aberturas, disponibilidade) cujo desejo de mudança, no entanto, foi movido pela possibilidade iminente de morte e de perda total dos movimentos do corpo da estudante. Com isso indagamos se a morte é um percurso experimentado por qualquer um: não seria necessário pensar, criar modos outros de encontrar com cada estudante neste caminhar? Por que nos sensibilizamos com a morte, com a inércia do corpo e por vezes não nos afetamos com a vida e com os movimentos que a mesma é capaz de proporcionar? Ali sensibilizados com a condição da estudante E., novamente fomos mobilizados pela falta não priorizando o que há?

Sem a pretensão de responder tais provocações, mas com intuito de deixá-las reverberando, acreditamos que seja importante reafirmar que os efeitos do encontro com E são potentes no sentido de nos movimentar a pensar como podemos inventar modos de nos soltar dos cintos...das amarras normalizadoras para assim burlar, desobedecer e trair os pedidos técnicos de vigilância e punição que existem na vida e no exercício da referida função. Os efeitos deste encontro nos mobilizam para o desejo de criar meios de resistência, gestos, astúcias que nos ajudem a escapar das linhas disciplinadoras, que insistem em transformar os outros no mesmo, compondo uma trajetória, na qual nossos passos possam, quem sabe, encontrar com outros passos escapando de tudo aquilo que emerge para uniformizar.

*Desde que cheguei nessa instituição experimento uma convocação de vigilância quanto ao uso do uniforme. Cabe destacar, que o “não-uso” ou “uso incorreto” deste vestuário pode acarretar registros no livro de ocorrência, podendo ainda resultar num afastamento temporário da escola, por não respeitar as normas estabelecidas. Mas, o que percebo durante estes anos caminhando junto aos estudantes é que talvez, se aplicássemos mesmo esta sanção, deixaríamos a escola vazia, com tantas suspensões. É impossível controlar as customizações que os estudantes fazem em seus uniformes. Eles produzem dobras, nós, costuras, utilizam broches, usam camisas com temas esportivos por baixo do vestuário solicitado pela escola...quase nunca há incidência de estudantes sem uniforme, eles cumprem com o solicitado dando-lhe um estilo próprio. Certo dia curiosa, perguntei a uma estudante cega se era ela mesma quem fazia sua customização e ela me respondeu: “claro, tia Débora! Vejo esses detalhes em outras roupas e passo para meu uniforme”. Lembro-me ainda que lhe falei da proibição e ela me disse: “não são vocês adultos que nos dizem que não somos todo mundo, então este é o meu jeito de me vestir”. Mobilizada por esta argumentação ao longo tempo decidi caminhar fechando os olhos para estas pequenas transgressões, entendendo que assim, eu poderia talvez, não tolher, esta criação que escapa sorrateiramente da uniformização dos jeitos de vestir, estar, existir [...]”. (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

Por entre as experimentações do encontro com estes estudantes que produzem dobras, nós, customizações reinventando suas roupagens, pensamos que

existem recursos potentes escondidos em gente simples, comum, ordinária que articulam a ruína dos trajetos (discursos jurídicos, morais e médico-biologizantes). Nos mobilizamos a perceber trajetórias (modos outros de ver, viver, caminhar), que são operadas por saberes “polimórficos” (CERTEAU, 2020), que ativam nossas percepções para coisas que podem ser apenas sentidas... os mistérios, as surpresas, o imprevisível que não dá para gerir e nem explicar. Isso nos movimenta também a ponderar que, talvez, seja mesmo necessário, que na relação educativa se possa continuar fechando os olhos, os sentidos para o já sabido. Quiçá dessa forma seja possível nos sensibilizar para a dobra, os nós, as customizações, que podemos criar em nossos uniformes, que se materializam nos chamados cotidianos que temos para punir e vigiar. Tudo isto partindo do pressuposto de que não será possível nos negar ao consumo dessa roupagem, mas que, talvez, seja admissível forjar um novo uso, um sentido outro, que escape do conformismo e de tudo aquilo que vem sendo inventado para nos normalizar.

A partir dessas considerações, nos movimentamos a pensar como uma prática do cuidado de si e do outro, tema evocado por Foucault (2006) em sua obra: *A Hermenêutica do Sujeito*, pode nos agenciar com um modo outro de encontrar na educação. Já que, o referido autor nos conclama a pensar nas práticas de si, enfatizando que o cuidado de si é um exercício que prima pela arte da existência e uma busca por produzir um “eu ético”, que não é universal, soberano etc., mas um eu comprometido com uma possível transformação, que se dá através do exercício e da prática de pensar a si mesmo, problematizando a vida para encontrar alternativas de resistência, microliberdades, escapes dos processos normalizantes que se tramam com os procedimentos de dominação.

Propomos então que se possa pensar que o conceito de “cuidado de si” é um modo pelo qual o sujeito problematiza sua própria constituição, seu modo de habitar o mundo na relação que experimenta junto a outros. Entendemos, entretanto, que o cuidado de si se constitui como uma prática que não é individualizante, já que Foucault (2006) nos explica que esta é uma técnica de si – bastante distinta do movimento narcísico, das práticas de confissão cristã e do exame psicológico (ou de tipo “psicologizante”). Há uma conformação, na qual o eu ético se produz numa relação com os outros: não é um exercício individual, mas uma criação singular que se constitui coletivamente, fazendo deste modo, com que a vida de cada um tenha uma relação com as dos outros. Ou seja, o “cuidado de si” se dá através de uma relação com o si que se produz a partir da relação com o outro, na qual “o outro ou outrem é ética e estética da existência [...] indispensável na prática de si” (FOUCAULT, 2006: 158). Em outras palavras, o cuidado de si necessita da presença, da intervenção do outro para que assim se estabeleça uma relação de si para consigo e para com o outro.

Nessa direção, sugerimos que o cuidado de si pode nos encaminhar para uma produção do cuidado que aponta para a necessidade de inventar formas outras de nos relacionarmos com os outros, constituindo, talvez, um ethos, um modo de ser na relação, que busca instalar certa responsabilidade e poética da vida, que deseja experimentar novas possibilidades de estar nas escolas, nas universidades, na pesquisa, que minem os processos de normalização. Entendemos, no entanto, que o cuidado de si não se afirma como uma possibilidade de descobrirmos a nós mesmos, mas, sim, como uma alternativa de nos recusarmos a sermos os mesmos para sempre. Não se trata de procurarmos e encontrarmos nosso eu no mundo, mas de criarmos novos-outros modos de viver, ver, caminhar... É uma possibilidade de produzir, inventar novos estilos de vida, uma nova roupagem através das

relações, das redes coletivas que se confrontam com o modo de vida individualista que se conectam com as técnicas e relações de poder.

Trata-se de uma preocupação com a nossa própria existência e com a relação que se forja no encontro com as outras vidas. Uma ética que não se refere ao dever, mas à tentativa da produção de uma conduta que pretende abandonar os caminhos de tranquilidade para se expor, se lançar aos acontecimentos, aos azares, aos prazeres... à indeterminação! Um movimento de cuidado que busca sensibilizar-se com aquilo que acontece nos encontros por entre os caminhos-conversações, pensando que talvez seja possível desnaturalizar aquilo que expressamos, sentimos e produzimos para assim forjar invenções.

Dessa forma, apreendemos que o cuidado de si pode ser pensado como uma disposição ética-política-afetiva de quem se propõe a estar no mundo reafirmando a importância do outro, do sentir em comum, do estar junto deixando-se afetar pela vida pulsante, de um outro que é radicalmente outro na relação. Um outro que pode nos habitar, nos marcar, forjando um outro eu em nós e fazendo com que o cuidado de si e o cuidado do outro sejam produzidos através da convivência, das incertezas, que nos permitem refutar a maneira como ocupamos o mundo para inventar uma acolhida que se estabelece por meio da pergunta por aquilo que temos forjado em nossos encontros... pelas marcas que possivelmente estamos deixando quando caminhamos com os outros por aí, pela vida-educação.

*É muito comum encontrar com a mãe da estudante E. caminhando pela instituição. Vale a pena lembrar que E. nos presenteou com os efeitos de sua existência até 2015, quando encantou-se. A responsável caminha pela escola, conversa com os profissionais, os estudantes e suas famílias. E sempre nos diz que até quando permitirem voltará àquele espaço, porque ali tem lembranças muito bonitas da filha, que experimentava uma condição de cegueira e a vivência de uma doença degenerativa que causava-lhe a perda dos movimentos do corpo... Desconfio que mãe de E. produz respiro indo à escola, ajudando-nos também a respirar pois, sempre que a encontro acabo também produzindo uma espécie de perseverança e um desejo de caminhar de modos outros na escola investindo ainda mais em gestos de atenciosidade e cuidado. Os efeitos do encontro com a mãe de E. provocam-me a pensar como posso produzir afetos, que tenham um sentido parecido com aqueles que são narrados por ela, quando nos diz que para E, a escola era o melhor lugar do mundo! (DIÁRIO DE PESQUISA, 2022)*

E isso nos encaminha a pensar que o cuidado pode, talvez, propiciar a invenção de uma “bricolagem” (CERTEAU, 2020) cotidiana, na qual podemos seguir os nossos desejos traindo as solicitações que se conectam com os processos de normatização. Nos transportando, deste modo, para uma prática educativa que se esforça para conectar-se com a felicidade e com a potência de vida escapando da condição técnica pode nos constituir como agentes de disciplinarização.

Sentimos que talvez, seja possível prestar atenção a partir de uma “disposição indisposta” (SKLIAR, 2014: 139) que escape da condição de uma mera observadora, percebendo que há possibilidade de encarnarmos um regime de presença que se estabeleça de forma mais atenciosa, com uma sensibilização de quem se esmera e busca caminhar de maneira paciente junto aos estudantes, deixando-nos movimentar pelos mistérios da vida que produzem acontecimentos, e podem nos arremessar para bem longe daquilo que temos como convicção, para que dessa maneira possamos

parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, demorar nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar com delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender na lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2020: 25)

Com isso, achamos que talvez seja possível criar fissuras diante dos pedidos morais e disciplinadores que solicitam de nós uma atitude voyeurista (CERTEAU, 2020) na qual a atenção se reduz ao olhar e à possibilidade de ver sem sermos vistas, empreendendo processos nos quais reafirmamos a categorização da vida, dando-lhe nomes, impondo controles, instituindo classificações.

Talvez, seja viável prestar atenção estabelecendo um outro regime de presença que se empenha para praticar uma atenção no sentido da atenciosidade e do cuidado, conectando-nos com as heterogeneidades que existem no espaço escolar para forjar uma caminhada que se propõe a sensibilizar-se com a vida que pulsa e deforma as regras que são inventadas para mortificar. Propomos a possibilidade de caminhar lado a lado, com uma atitude, uma preocupação, de forjar um espaço comum no qual os passos não precisam necessariamente convergir, para se encontrar e produzir a vida... Apostamos na ideia de andarilhar por aí... Contemplando os mistérios, lançando-nos aos acontecimentos, à experiência, os prazeres e azares que podem talvez nos agenciar a uma cegueira, uma indisciplina e uma inconformação com o instituído, que pode nos conectar com aquilo que há para, desta forma, produzir uma trajetória inventiva que nega a rotulação e reafirma que qualquer pessoa, com qualquer condição pode produzir saberes, questionamentos e vida.

## Considerações (nada) conclusivas

Ao retornarmos o pensamento quanto ao que foi experimentado na processualidade da pesquisa achamos que fomos provocadas a sentir que as pessoas, os estudantes no caso, podem caminhar pelos percursos da vida com um sentido distinto daquele que tentam lhes imputar. E essa percepção nos conduziu a uma abertura, na qual as certezas podem ser substituídas por perguntas, que nos sensibilizam e interpelam a pensar nas coisas que existem no mundo.

A partir da potente rede de problematizações, que foi produzida em nossos estudos sentimos que o “estranho” que se faz presente nas caminhadas, nas trocas, nas escutas, no cotidiano pode agenciar em nós um corpo político, nos atravessando e movimentando para uma possível desnaturalização dos processos que tentam normalizar a vida ratificando as desigualdades e a exclusão.

Por fim, sem a intenção de encerrar os questionamentos suscitados, traçamos aqui as rotas de saída desse trabalho, desejando que os percursos produzidos se conectem com outros itinerários. Esperamos ter conseguido, de fato, explicitar que a pesquisa que buscamos narrar foi forjada para ser entregue ao mundo, como um gesto de abertura para outras tantas ressonâncias, outras problematizações...

*Recebido em 25 de abril de 2022.*

*Aprovado em 24 de julho de 2022.*

## Referências

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução C. Antunes, J. W. & Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MADEIRA, Débora de Souza Santos. *Cartografia do caminhar com estudantes (entre diários de pesquisa) no Instituto Benjamin Constant*. Dissertação de Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais, UERJ, 2022.
- SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. *Ponto de Vista*, 5: 37-49, 2003.
- SKLIAR, Carlos. “Conversar e Conviver com os Desconhecidos”. In: FONTOURA, Helena Amaral da (org.). *Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. pp. 27-37.
- SKLIAR, Carlos. *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Salvador: EDUFBA, 2014.

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

*A Aceno recebe em*  
**FLUXO CONTÍNUO,**  
*artigos livres,  
resenhas,  
ensaios fotográficos,  
dossiês (propostas).*  
*Interessados em atuar como  
pareceristas  
podem realizar seus cadastros no site*